

## Renováveis têm demissões e buscam ressarcimento<sup>1</sup>

Robson Rodrigues<sup>2</sup>

Vinícius Lucena<sup>3</sup>

Enquanto a questão do ressarcimento dos cortes feitos pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) segue sem resolução, o setor de energias renováveis lida com baixa dos investimentos e demissão em massa. No caso do setor eólico, a crise não dá sinais de retração, com cerca de 11 mil empregos fechados em toda a cadeia.

O cenário de baixo investimento se amplia desde 2022, quando houve uma primeira queda no número de projetos contratados, desembocando em desaceleração a partir de 2024. Em 2023, ainda houve recorde de instalação, com 5 gigawatts (GW). No ano seguinte, foram 3,3 GW e, para 2025, estão previstos só 2,8 GW.

A desistência de empresas em novos projetos gerou um efeito cascata que tem levado à desindustrialização na cadeia eólica.

Segundo o levantamento da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica) com informações divulgadas no mercado, a redução da produção e fechamento de fábricas já causou cerca de 6 mil demissões no segmento de fabricação de pás e 1,5 mil na produção de aerogeradores, entre 2024 e 2025. Entre os fornecedores de componentes, partes e peças variadas, são estimadas outras 3,5 mil demissões no mesmo período.

O levantamento da entidade aponta os desligamentos e paralisações das fabricantes de aerogeradores (OEMs) - como Vestas, Nordex-Acciona, WEG, Siemens Gamesa, entre outras. Isso inclui os dados do início de 2025, como a reestruturação das operações da Aeris Energy, em Caucaia (CE), e o fechamento da planta da LM Wind Power (subsidiária da GE Vernova), em Suape (PE).

“Na média, as empresas não vão contratar e o setor vai sofrer as consequências. Eu entendo que o ano de 2024 foi o pior da nossa história. O de 2025 continua ruim, mas há uma perspectiva de melhora de venda de contratos”, diz a presidente da Abeeólica, Elbia Gannoum.

Para atrair investimentos, a executiva aposta na produção de hidrogênio verde e na construção de data centers, o que aumenta a demanda por fontes renováveis.

Já na visão do setor de energia solar, o principal problema está na ampliação dos cortes na geração de energia, o que ocorre desde 2023. O presidente da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), Rodrigo Sauaia, diz que há a previsão legal para

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2025/05/27/renovaveis-tem-demissoes-e-buscam-ressarcimento.ghtml>

Acessado em 27.05.2025

<sup>2</sup> Jornalista do Valor Econômico

<sup>3</sup> Jornalista do Valor Econômico

que os geradores sejam compensados quando a produção de energia excede a capacidade de consumo.

“Novos investidores nacionais e internacionais, que têm interesse em investir no Brasil, estão todos em compasso de espera até que isso se resolva”, afirma.

A associação argumenta que o ressarcimento não implicaria em aumento significativo da tarifa, com impacto da ordem de 0,38%, de acordo com estimativa da consultoria Volt Robotics.

O fato é que a conta de luz se assemelha a uma colcha de retalhos: cada “trapo” representa um encargo aparentemente insignificante, mas que, somados, formam um fardo pesado na tarifa. Para a Frente Nacional dos Consumidores de Energia, os empreendedores que assumiram o risco de construir projetos de geração de energia, mesmo diante de uma demanda bastante limitada, querem costurar mais um pedaço nessa colcha - transferindo para a população um custo que deveria ser responsabilidade do setor.